

Masculino e feminino: Alguns aspectos da perspectiva psicanalítica

JOSÉ DE ABREU AFONSO (*)

O MASCULINO E O FEMININO NA TEORIA CLÁSSICA DO DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL

Freud sublinhou a variedade de significados dos conceitos *masculino* e *feminino*. No sentido biológico referem-se aos caracteres sexuais primários e secundários, que por si só não explicam o comportamento psicosexual.

No nível sociológico, masculino e feminino, masculinidade e feminilidade não são apenas dados da natureza, mas sim um trabalho da cultura sobre esses dados, ou seja, são entidades reais, simbólicas e imaginárias.

No nível psicosexual, estão imbricados os dois níveis anteriores, particularmente o social. Não são tanto os papéis funcionais, os desempenhos sociais a avaliar a masculinidade/feminilidade, mas sim os fantasmas subjacentes, reveláveis pelo processo analítico.

A concepção da *bissexualidade constitucional* implicaria que em todo o ser humano houvesse uma síntese, desejavelmente harmoniosa, de traços

masculinos e femininos. Esta ideia, introduzida por Freud sob influência de Wilhelm Fliess (Laplanche & Pontalis, 1967), defende-se a partir de fundamentos biológicos – anatómicos e embriológicos – ou dos processos de identificação e das posições edípicas. Procedendo do fenómeno universal da bissexualidade, Freud falava do conflito inerente a este facto, resumindo: «O sexo (...) que domina na pessoa, teria recalcado no inconsciente a representação psíquica, do sexo vencido» (op. cit., pp. 88-89) – a inveja do pénis nas mulheres, a atitude feminina nos homens.

Por outro lado, este conceito implicava uma apreensão clara da masculinidade/feminilidade, que para Freud teria um significado diferente – mas muitas vezes misturado – aos níveis biológico, sociológico e psicológico.

Em “A Feminilidade” (1933), considera que ser homem e masculino são as qualidades naturais que todos os humanos valorizam. Pelo contrário, ser mulher e feminina, seria vivido como desvalorizador. Havendo uma bissexualidade inata, como refere em *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), pode haver um desenvolvimento normal ou patológico.

Apesar de reconhecer a sua importância, Freud não toma uma posição definitiva em relação à questão da bissexualidade. As reservas teriam a ver com a sua origem biológica, base da determi-

(*) Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa. Membro da Sociedade de Psicanálise.

nação do conflito, que não ajudava a explicar porque é que em indivíduos dos dois sexos, existem pulsões masculinas e femininas, podendo ambas ser recalçadas, independentemente do sexo biológico.

Nesta perspectiva, apesar da ameaça da castração, o rapaz nasce melhor ‘equipado’ que a rapariga, que não correndo o risco de ser castrada, o foi pela sua condição, desde o início da vida.

Sendo a mãe o primeiro objecto de amor, o rapaz nasce heterossexual. Com genitais visíveis, uma identidade de género nuclear inequívoca, estaria mais livre de conflitos. Mas, a ansiedade de castração suscitada pelo receio do pai rival, ou pela observação das mulheres, sem pénis, pode bloquear um percurso sem sobressaltos em direcção à heterossexualidade. A deslocação do desejo pela mãe e a tomada do pai como modelo de identificação são as estratégias que ajudam o rapaz a chegar à fase genital **masculino** e heterossexual.

A feminilidade por seu turno só é assumida após um percurso de luta. A ausência de um pénis faz a menina sentir inveja, que de acordo com a forma como é manejada determinará a sua identidade. Em excesso, pode levar ao desenvolvimento de qualidades masculinas para o substituir, ou à obtenção de um através da fantasia. Pode sentir-se inferiorizada, ficando passiva e masoquista ou confundindo o seu clítoris com um pénis defeituoso, não deslocando o erotismo para a vagina. Se tudo correr bem, no entanto, ela voltar-se-á para o pai e terá o desejo de ter um bebé, orientando-se heterossexualmente. Precisa ainda de perdoar a pai por a obrigar a adiar o bebé, e identificar-se com a mãe. Torna-se finalmente **feminina**.

As diferenças anatómicas seriam motivo de conflito entre rapazes e raparigas, por revelarem reciprocamente as ameaças ligadas ao processo de desenvolvimento psicosexual. Assim, numa perspectiva clássica do desenvolvimento, masculino e feminino são só percebidos após as posições **activo/passivo** e **fálico/castrado**, que seriam a base da construção da identidade sexual. Esta ideia foi alvo de profundas revisões como veremos a seguir.

QUESTÕES RECENTES NA DISCUSSÃO PSICANALÍTICA DO MASCULINO E DO FEMININO

A Identidade de Género Nuclear e a Proto-feminilidade

Se o género é facilmente definível, a identidade do género liga-se a um comportamento psicologicamente motivado. Quer isto dizer que sexo e género podem não ser coincidentes. Stoller (1964, 1968, 1979), um dos autores que revisitaram e questionaram as teorias clássicas, cria a expressão *identidade do género*. Aqui diferencia-se a masculinidade e feminilidade que existem em todos os indivíduos, da qualidade de ser homem ou mulher, biologicamente. A identidade do género corresponde a um comportamento de génese psicológica que apesar de se poder associar à qualidade biológica da pessoa, pode apresentar tendência inversa ou mesmo inversão, nos casos dos homens ou das mulheres que vivem de modo oposto ao do seu sexo. Fala de uma massa de convicções que, para além do seu fundamento biológico, se formam a partir das atitudes parentais, mais ou menos semelhantes às da sociedade, e filtradas pela personalidade do indivíduo.

Stoller sublinha a crença de Freud de que ser homem e masculino é superior à qualidade de ser mulher e feminina e contrapõe a esta linha de pensamento, a **teoria do género nuclear**. Como anota em 1977, Freud deixa um primeiro estágio da sexualidade feminina sem explicação: do início da vida até à descoberta da ausência de um pénis. Ora, se o primeiro estágio for diferente daquilo que Freud descreve, isto é, se uma mulher se sentir firme e legitimamente mulher, então é necessário rever aquela perspectiva da psicologia feminina. Tal como outros autores (Horney, 1924; Jones, 1927; Zilborg, 1944) que refere, Stoller procurou perceber esta lacuna deixada por Freud. Fala de um *núcleo de identidade do género*, referindo-se à percepção que temos do nosso sexo, de masculinidade ou de feminilidade. É algo que cabe num conceito mais abrangente de **identidade do género**, o qual representa a mistura de feminilidade e masculinidade inerente a todas as pessoas. A identidade do género é uma convicção do indivíduo sobre o seu ‘self’ e sobre o seu papel.

O núcleo de identidade do género é o primeiro

a desenvolver-se e é a base a partir da qual se criam e desenvolvem as relações sociais. Resulta de uma ‘força biológica’, da atribuição do sexo no nascimento, da influência parental, de fenómenos bio-psíquicos do tipo da aprendizagem, do desenvolvimento de um ego corporal: as sensações físicas que definem as dimensões físicas e psíquicas do sexo do indivíduo.

No seu estágio mais inicial de desenvolvimento, a masculinidade e feminilidade é o sentido do sexo da pessoa, da qualidade de ser homem ou ser mulher. Primeiro passo na identidade do género, a partir do qual a masculinidade e feminilidade se desenvolvem, a **identidade de género nuclear** é a convicção de que a designação do sexo do sujeito foi correcta, anatómica e psicologicamente. Por volta dos três anos de idade está tão firmemente desenvolvida que é praticamente impossível alterá-la. Ela não radica, para Stoller, num papel ou nas relações objectais. Resulta de factores biológicos, da designação inequívoca do sexo no nascimento, da influência das atitudes dos pais, e em particular da mãe sobre o sexo do bebé, e da interpretação que ele faz destas atitudes. Resulta ainda de fenómenos bio-psíquicos precoces ligados ao manejo do bebé, formas de aprendizagem que se pensa modificarem permanentemente o seu cérebro e o seu comportamento (v.g. na transsexualidade). Finalmente, do desenvolvimento de um ego corporal, as sensações genitais que qualitativa e quantitativamente ajudam a definir dimensões psicológicas que confirmam o sexo atribuído pelos pais. Estes factores só se observam quando o desenvolvimento da identidade do género não é normal, já que, habitualmente, todos contribuem para a sua formação.

Stoller retoma o processo de desenvolvimento e, admitindo embora que o primeiro amor do rapaz é heterossexual, salienta um estágio – precedendo a relação objectal – em que o rapaz está fundido com a mãe. Há portanto uma **proto-feminilidade** em ambos os sexos. Tipicamente em qualquer cultura o homem teme a ternura e a intimidade, o que parece estar ligado a um receio e, simultaneamente, anseio de voltar à fusão e à simbiose. Nas mulheres muito masculinas terá havido uma situação oposta à dos homens muito femininos: a interrupção abrupta do estágio de simbiose com a mãe. De qualquer modo, Stoller (1993) concorda com a teoria de Freud, a partir daqui: o primeiro amor do menino é heterossexual e o da menina

homossexual. A questão é que para aquele autor a feminilidade não é patológica por definição, colocando, pelo contrário, as mulheres, na posição vantajosa de se identificarem desde o início com alguém do seu sexo. Apesar do potencial homossexual, o seu percurso parece oferecer menos riscos. Para o rapaz a questão será preferir ter, e não ser uma mulher. Deste ponto em diante, irão absorver da cultura o refinamento da masculinidade e feminilidade cujos fundamentos estão construídos e determinam todo o desenvolvimento posterior. Efeitos de aprendizagens e modificações resultantes de conflitos e frustrações, com a intervenção de outros que não os pais, modelam os comportamentos masculino e feminino. Os conflitos pré-edipianos e edipianos são parte deste quadro.

Assim, deixamos de ver a feminilidade como resultado de um homem fracassado e a masculinidade como um estado natural que deve ser preservado. Aqui, pelo contrário, trata-se de uma conquista. Desafiando a posição freudiana da superioridade biológica e psicológica dos homens, as mulheres e a feminilidade teriam aqui um papel principal. A primeira identidade do género é a fusão com a mãe. Trata-se de uma forma de identificação pré-verbal que desenvolve a feminilidade na rapariga, mas se pode tornar um obstáculo para o rapaz, que tem de o ultrapassar para crescer como pessoa separada e masculina. É a identidade do género masculino que corre mais riscos, e não a feminina. Os estudos da identidade do género em diversas culturas dão interessantes pistas que vão ao encontro desta proposta (Badinter, 1992; Stoller, 1993; Almeida, 1995).

Continuando com uma perspectiva revisionista, prossigamos com novos contributos à teoria clássica, dados por autores contemporâneos.

Desenvolvimento Feminino: novas abordagens

Dujovne (1991) faz uma resenha sobre as teorias psicanalíticas, clássicas e revisionistas, acerca do **desenvolvimento feminino precoce**. Como vimos, na teoria clássica, o género é determinado biologicamente. A rapariga e o rapaz seguem o mesmo processo de desenvolvimento até aos três anos. Só na puberdade as raparigas tomariam consciência da sua vagina. Um novo desenvolvimento do género começaria na fase fálica tardia.

Retomemos então o desenvolvimento feminino:

pelos três anos a menina toma consciência das diferenças sexuais, que a preocupam, indo organizar a sua feminilidade a partir de áreas conflituais como o complexo de castração, a inveja do pénis, o complexo de Édipo e a mudança da mãe para o pai, consequência do desapontamento por não possuir um órgão com o dele. Isto fá-la rejeitar a mãe, sentida como genitalmente inferior, virando-se para o pai à procura do pénis. Entretanto renuncia à masturbação clitoriana. Como o seu pai não lhe dará o que pretende, este desejo é substituído pela ambição de ter um bebé. A rapariga vai de uma fase fálica activa para uma edipiana passiva. Os maiores organizadores da feminilidade seriam a inveja do pénis e a relação com o pai. Após o quinto ano, a rapariga começa a mudar o erotismo do clítoris para a vagina e só na puberdade há um sentido completo da feminilidade. A mulher, o feminino, seria na teoria clássica, passiva, narcisista, masoquista, com um superego mais frágil que o do homem.

As articulações macho-masculino-activo-agressivo-dominador e fêmea-feminina-passiva-masoquista-submissa têm merecido críticas (Shaffer, 1977). Esta formulação, com a estrutura feminina inferior, baseada na inveja do pénis, passividade e masoquismo, foi tomada por Blum (1977), que considerou a questão do *masoquismo*. Para ele, o masoquismo é o resíduo de um conflito infantil não resolvido e não, algo essencialmente feminino (apesar da mulher estar mais predisposta a ele) ou essencial do carácter feminino maduro. A feminilidade não é a resignação masoquista à inferioridade imaginada, nem a compensação para a falta da castração.

As perspectivas actuais da psicologia feminina enfatizam a identidade sexual e de género, imagem corporal e auto-representação, resposta sexual e maternidade empática.

Muito do que se reviu na teoria freudiana clássica sobre a sexualidade feminina precoce foi baseado na observação directa e crianças (Kleeman, 1977). Algumas revisões da teoria freudiana, nas últimas décadas, ao invés de partirem de inferências do processo analítico, basearam-se em observações, na prática clínica, ou em descobertas de outras disciplinas, como a embriologia que nos mostrou que um embrião é feminino desde as seis semanas de gestação.

Assim, à ideia de uma masculinidade primária, vem, como já vimos, opor-se a de uma feminili-

dade primária (Stoller, 1977) inata, a que atrás nos referimos, e a de uma *linha desenvolvimental feminina*.

Se é verdade que na teoria clássica, conflitos e traumas são os grandes organizadores psicológicos, foi-se verificando que as meninas se sentiam bem dentro do seu género. Os revisionistas vieram salientar a importância dos *aspectos desenvolvimentais não conflituais*, na aquisição da feminilidade, considerando que, muitas vezes, a visão freudiana tem uma óptica psicopatológica, necessariamente não universal, como muitas vezes é pretendido. A teoria freudiana do desenvolvimento da feminilidade e da masculinidade baseia-se na aprendizagem resultante de frustração, conflito e trauma, sua ultrapassagem ou elaboração. Esta nova perspectiva, abarca uma aprendizagem livre de conflitos. Aqui está incluído o desenvolvimento da feminilidade, em que a aprendizagem pode ser egossintónica, baseada em componentes nas quais a rapariga se identifica com a mãe. Não se nega, no entanto, um segundo tipo de feminilidade resultante do conflito e da inveja edipiana, e que produz uma feminilidade rica e complexa.

Actualmente, o estudo do desenvolvimento feminino está também atento aos factores que normalmente o determinam tais como as variáveis cognitivas e relacionais, as características dos pais, a aprendizagem, identificação, a representação corporal e outros dados da realidade.

Ao contrário do que Freud pensava, há uma experiência e uma *imagem corporal* feminina desde muito cedo, bem como sensações corporais e consciência das estruturas anatómicas genitais. Esta consciência, adquirida por sensações vaginais, auto-estimulação ou erotismo clitoriano, é um dos grandes organizadores da feminilidade. É uma consciência muito precoce, entre os dezasseis e os vinte e quatro meses, quando a identidade corporal fica bem estabelecida. A masturbação é uma actividade muito prematura, e não é abandonada na fase fálica ou no período de latência, dando aos órgãos genitais um papel central na feminilidade em desenvolvimento. A teoria de Freud que na latência as raparigas abandonariam a masturbação clitoriana e desenvolveriam a inveja do pénis para se tornarem mulheres maduras, foi posta em causa a partir da observação directa e da experiência clínica com crianças e mulheres adultas (Clower, 1977). Também a clássica visão do clítoris como um pénis incompleto foi aban-

donada por muitos psicanalistas, apoiados pelos estudos da sexologia clínica, e argumentando que aquele forma uma unidade com a vagina na experiência corporal feminina (Dujovne, 1991). A teoria da transferência clítoris-vagina, não encontrou evidência anatômica nem fisiológica. Aliás, a distinção entre os dois orgasmos não existe, e parece ser psicológica a preferência de muitas mulheres pelo orgasmo vaginal (que pode, inclusivamente, ser menos intenso que o clitoriano (Moore, 1977)).

A ansiedade da menina acerca de ser fêmea e se tornar feminina é semelhante à do menino acerca de ser macho e se tornar masculino. Quer num quer noutro, encontramos o desejo e o medo da união simbiótica com a mãe.

A questão da identidade não se coloca apenas na fase fálica: a separação-individuação, a autonomia, a capacidade de estabelecer uma relação heterossexual adulta é um processo longo que tem início com a relação precoce mãe-bebê, e talvez nunca chegue ao fim. É outro dos aspectos desvalorizado na teoria clássica: o papel da *mãe pré-edipiana*. Os revisionistas vieram defender que esta é mais importante que o pai edipiano para o desenvolvimento do género. Por exemplo, no período da separação-individuação, ela desempenha um papel fulcral na diferenciação e manutenção de um sentido do “self”. Trata-se de uma fase de consideráveis conquistas do “self”, e dos seus objectos, de maturação de processos ligados à linguagem, ao teste da realidade. Uma fase em que o desenvolvimento cognitivo vai a par de aspectos libidinais e do desenvolvimento do género, ligados à fase genital precoce. A identidade do género, a consolidação da identificação com a mãe também se faz neste período.

O tema da *inveja do pénis*, que na teoria freudiana é um dos grandes organizadores da feminilidade, não foi posto em causa por muitos autores contemporâneos. Questionada foi, a sua importância e significado. Por outro lado, falou-se de uma *inveja sexual* em ambos os sexos. Lane (1986) considera a possibilidade de os rapazes possuírem uma inveja da vulva semelhante é inveja do pénis da rapariga. Ela seria parte da sua evolução normal, na descoberta das diferenças anatômicas. Haveria assim um complexo geral centrado na inveja do órgão genital do sexo oposto.

A falta de designação para os órgãos sexuais externos da rapariga pode contribuir decisivamente para a inveja do pénis (Lerner, 1977). Assim, o

complexo de castração poderia não ter origem no facto de o clítoris ser um órgão menor ou inferior, se comparado com o pénis. O não reconhecimento pelo meio daquilo que a rapariga tem – vulva e clítoris – pode, isso sim, contribuir para a sua dificuldade em se tomar uma mulher adulta sexualmente completa.

Nalgumas meninas, uma maior identificação com a mãe é a forma de lidar com o problema. Se as relações com os pais são boas, se não nascem irmãos homens neste período, se não há problemas prévios com a auto-estima e a imagem corporal, a inveja do pénis pode ser um fenómeno conflitual secundário, eventualmente reflectindo uma identificação negativa com a mãe. São vários os significados da inveja do pénis: este pode simbolizar o poder, a liberdade e a segurança, ou, o seio, o bebé, o cordão umbilical. Assim teríamos o sintoma como representante de ansiedades em relação aos genitais, ou exprimindo medo da feminilidade, ou um desejo de triunfar sobre a mãe, ou ainda uma defesa contra a inveja em relação a ela, ou uma forma de separação. Pode estar relacionada com o desejo de satisfazer a preferência do pai ou com o desejo de possuir algo que diminua a sua dependência dos homens. A grande diferença para os revisionistas é que a inveja do pénis não é algo incontornável. Quando aparece, trata-se de um sintoma, e pode ser tratado como qualquer outro sintoma.

Grossman e Stewert (1977) pegaram também no tema da inveja do pénis e consideraram duas fases neste fenómeno: primeiro mais cedo, sob a forma de um traumatismo narcisista, que em condições ideais contribui para o desenvolvimento psicosssexual ou, caso contrário, sem perturbação de base narcisista, será um dos muitos traumas narcísicos. Numa segunda fase, a inveja do pénis representa um esforço regressivo para resolver conflitos edipianos.

O *complexo de castração feminino*, é visto hoje por muitos autores, mais como uma metáfora de dano corporal, cuja importância e significado varia de menina para menina. Como resposta à consciência das diferenças corporais algumas reagem com surpresa, outras com ansiedade. Numa menina que se sentiu valorizada pelo pai, que teve uma boa e securizante relação com a mãe, o natural é que se sinta confortável com a sua feminilidade, pelo que a descoberta das diferenças sexuais pode não constituir um trauma. Talvez faça mais sentido,

para perceber a psicologia feminina, reflectir sobre os pensamentos ligados à gravidez, ao parto, a relação sexual, do que centrarmo-nos na ansiedade de castração.

Além disto, nem sempre a entrada no Édipo se faz por esta via. Assim deverá haver outra força, que não só a castração, que leve a menina ao complexo de Édipo. Para Grossman e Stewert, esta força é uma disposição biológica e constitucional para a heterossexualidade. Liga-se aqui a diferença da libido (pré-programada para o acontecimento), a modificação biológica da libido não diferenciada em libido heterossexual (de libido pré-genital a libido proto-genital). Este processo seria facilitado ou inibido pela experiência pós-natal. Estes autores discordam da formulação de Freud, que pensa que o complexo de Édipo no rapaz está pré-programado para emergir na altura adequada, e que na rapariga é despoletado pela experiência de comparação fálica. Não crêem que o caminho para a heterossexualidade seja a reacção a um trauma. Haverá, quer nos rapazes quer nas raparigas, uma “heterossexualidade primária”, constitucionalmente pré-programada. Não seria, do seu ponto de vista, provável, que a preservação da espécie fosse assegurada por uma experiência cognitiva, afectiva ou dinâmica.

A ser verdade que a mudança da rapariga para a heterossexualidade fosse motivada pelas suas pulsões masculinas frustradas e pela inveja do pénis, sem que o seu superego se tornasse autónomo, com um sistema de valores internalizado (tal como ocorre para os rapazes), ao tornar-se mulher ela estaria adaptada a uma sociedade paternalista, com o casamento como meta. Esta não é a sociedade herdeira da segunda guerra mundial, onde viver por sua conta deixou de ser excepção para as mulheres (Ticho, 1977). Há dados sociais que questionam aquela visão da resolução edipiana feminina.

A importância do *período edipiano* na formação da identidade sexual e no estabelecimento de uma relação heterossexual é consensualmente aceite. Classicamente, o desejo de ser mãe é precursor do desejo de ser mãe do filho do pai. Assim, no período edipiano a menina acrescentaria a orientação heterossexual à sua identidade feminina.

O que se pode questionar, é se a criança atormentada pelo incesto e parricídio, descrita por Freud, existe em quaisquer circunstância, ou se limita às situações patológicas. Freud, também

assumiu que a sua compreensão do Édipo feminino era incompleta. No rapaz o complexo seria consequência da biologia, enquanto na rapariga estariam em jogo aspectos de prejuízo narcísico, resultantes do complexo de castração. Esta visão de predisposição biológica e de género, não é pacífica, como vimos em Grossman e Stewert (1977).

O *desejo de ter um bebé* na primeira fase genital pode não derivar do desejo de ter um pénis, conforme sugerem Parens e colaboradores (1977), a partir da observação de alguns meninas normais. Nalguns casos, aquele desejo é o primeiro padrão a aparecer. A ambivalência e a rivalidade com a mãe podem não resultar do complexo de castração, mas surgir concomitantemente com ele.

Esta nova perspectiva sobre o desejo de ter um bebé, difere da que o via como um pénis substituto. O desejo de ter um bebé é muitas vezes anterior ao desejo de ter um pénis. A sua observação a partir do primeiro ano de vida, quer em rapazes quer em raparigas, foi interpretado como um processo de identificação e a expressão de um ego maternal ideal. Depois, pode ser a manifestação natural da fase genital, exprimindo a identificação com a mãe como mulher, e a relação heterossexual com o pai como homem.

Mais tarde, quando ocorre, a gravidez repete e organiza todas as fantasias arcaicas da gravidez da criança. Não é um estado pré-genital ou fálico, parecendo mais uma nova fase interno-genital no desenvolvimento feminino (Kestenberg, 1977).

A centralidade do *materno* como edificador da feminilidade é um tema que também tem sido discutido. Muitas vezes no paradigma psicanalítico clássico, os conceitos de feminino e materno aparecem assimilados, ou formulados de forma que os torna reciprocamente dependentes. Ali, desejo de gravidez e maternidade são sinónimos – o que tem sido negado pela *praxis* clínica –, pertencendo ambos ao próprio processo de aquisição da feminilidade (Leal, 1997). Gravidez e maternidade não são a mesma coisa, tal como não o são o desejo de estar grávida e o de ter um filho. A evolução histórica do conceito de maternidade ajuda a clarificar esta ideia. Materno e paterno são apenas categorias dentro das categorias maiores de masculino e feminino.

Outro aspecto pouco explorado pela teoria clássica é o dos *pais edipianos*, que idealmente aceitariam a sua criança sem se deixarem levar pelas

suas próprias tendências sedutoras ou competitivas.

O pai edipiano foi visto por Freud, mais como uma fantasia da menina, que como algo real. Mas um comportamento sedutor real faz com que se mantenham os desejos edipianos. Não são fora do comum, pais com sentimentos eróticos reprimidos, em relação às suas filhas. Não é ainda indiferente o facto de o pai ser emocionalmente ausente, não participante ou possessivo. Características paternas como as enumeradas dificultam a resolução das tarefas edipianas. Por outro lado, a ausência paterna, é particularmente prejudicial nesta fase.

A importância do *pai pré-edipiano* também tem sido sublinhada pela psicanálise mais contemporânea. Ele facilita, por exemplo, a saída da fase de simbiose, e o processo de separação-individualização. Ajuda a filha na construção da sua feminilidade, contribui para um narcisismo saudável nela, oferece um modelo de relação confiável com um homem, facilitando a posterior criação de relações heterossexuais.

As, aquisições que decorrem da *relação precoce com a mãe e o pai* foram alvo do interesse de vários autores, alguns dos quais já abordados neste artigo. Marques (1996) salienta: por um lado autores que se centram sobre as relações com o objecto de amor primário materno e a sua importância no estabelecimento da identidade sexuada. Aqui, contam-se Stoller, que como já vimos abandona o conceito de bissexualidade e propõe o primado do feminino, e Balint (1968), estabelecendo o amor primário, que sendo materno é também a relação mais primitiva. Por outro lado, há autores que se centram no percurso das relações objectais dos sujeitos conducentes à realização e identificação, impondo-se aqui o paterno. Nesta linha temos Klein (1932), com a noção de casal parental combinado, clarificando a formação de um superego que leva à escolha de uma posição definitiva heterossexual, e Winnicott (1971) que introduz a noção de elementos masculinos e femininos em estado puro. De referir também Rosolato (1969) que formula a identificação e as suas relações ao materno e paterno exigindo uma combinação modulada: dois pais, dois sexos, pulsões de vida e de morte, de amor e de ódio.

Os inúmeros contributos teóricos – alguns dos quais aqui referidos – permitem-nos no caso das mulheres, falar de uma nova psicologia feminina.

E quanto aos homens? Também se poderá falar de uma nova psicologia masculina?

Desenvolvimento Masculino: reformulação e ampliação

A preocupação com a reformulação do falocentrismo da psicanálise e a consequente centração nas questões femininas parecem ter deixado os homens fora do discurso psicanalítico durante bastante tempo. Afinal eles já tinham tudo: um pénis, liberdade para o usar, e a possibilidade de, fazendo dele uso, se unirem ao útero materno, acto negado às mulheres (Ross, 1986).

A visão de Freud da sexualidade masculina centra-se também no reconhecimento das diferenças anatómicas, decisivo na fase fálico-edipiana, caracterizando-se pelo desejo da posse exclusiva da mãe, com a derrota do pai. À ameaça de castração pelo poderoso rival, o menino responderia com a renúncia ao incesto e a identificação com o pai internalizando-o como a instância psíquica do superego. São centrais no processo a ansiedade de castração e a relação com o pai.

Esta simplificação do modelo freudiano, não faz justiça à sua riqueza e complexidade, em que tanto factores constitucionais como as primeiras relações objectais são decisivos (Fogel, 1987). No entanto, não deixam de se notar manifestas limitações na visão freudiana, claramente dependentes tanto de aspectos culturais, como da falta de dados de observadores infantis, teóricos das relações de objecto e do ‘self’, que acrescentaram muito do conhecimento psicanalítico sobre a sexualidade. Tal como aconteceu com a psicologia feminina, com esses novos dados procurou-se ampliar a psicologia masculina. Não surpreendentemente, a mulher ganha aí um lugar central.

Como anota Ross (1986), no início da vida é a *mãe* e não o pai, que consola e gratifica o bebé e que, além disso, representa o universo. Quando a mãe se define como ser “na periferia” do ‘self’ é ela que apazigua as pulsões e desvia os estímulos do ambiente – é a “mãe-objecto” e a “mãe-ambiental” (Winnicott, 1963). Nesta relação de cuidado, nutrição e onipotência, o rapaz (ou a rapariga) vão, primeiro distingui-la e depois identificar-se com ela. Logo que a presença do *pai* distinto da mãe, é sentida, torna-se um pré-objecto no mundo do bebé, para o qual ele se vira, buscando algo cada vez mais específico – um princípio paterno,

masculino, que alimente o crescimento psicológico.

Na segunda metade do segundo ano, as crianças constatarem as *diferenças sexuais*, consolidando-se a identidade nuclear de género no ano seguinte. Esta revelação afectiva e cognitiva ocorre quando, por um lado, o rapaz quer desembaraçar-se da mãe, e por outro, depende dela, admira-a e anseia por incorporar as suas qualidades. Tem orgulho no seu pénis mas, paradoxalmente, ser o genitor todo-poderoso implica ser castrado.

Durante o segundo e terceiro ano, estão assim accionados grandes conflitos de identidade do género, que buscam apaziguamento junto do pai que – se for suficientemente bom (coexistindo com imagens adequadas da mãe a respeito dele, da criança e de si própria) – consolidam a identidade nuclear do género e permitem o avanço para a fase fálica entre os dois e os três anos. O urinar de pé, a erecção peniana são importantes organizadores deste processo. As mulheres não constituem aqui, objecto de desejo: a primeira fase fálica é essencialmente narcisico-fálica, centrando-se na exibição de virilidade e sua ampliação pelo reflexo que os outros – ambos os progenitores – dão.

A mãe que espelha vai sendo cada vez mais alvo da curiosidade e do interesse do rapaz, levando-o a entrar na fase edipiana que acarreta conflitualidade, nomeadamente a rivalidade com o *pai*. Fugindo dos danos que deseja infligir e da retaliação, o rapaz irá fazer fantasias de rendição e submissão passiva ao pai. Daqui ser omnipresente, nos meninos de quatro anos, o desejo de ser a mulher do pai.

Ross (1986), chama a atenção para as defesas narcísicas fálicas que podem surgir como abrigo contra uma identidade ambissexual. Alguns factores podem contribuir para uma fixação defensiva narcísico-fálica, todos eles relacionados com a indisponibilidade precoce do pai, como objecto libidinal para internalização e identificação. O pai pode ser ausente física ou emocionalmente, subentendo-se a uma mãe poderosa que invade o filho e a sua identidade (sexual ou outra). Pode ser sentido como ineficaz, obrigando o rapaz a ‘encenar’ um princípio paterno exagerado. A mãe, por seu lado, pode temer ou depreciar os homens. A masculinidade assim atingida é apenas uma capa, frágil e artificialmente agressiva. É inútil

para lidar com as tarefas da vida adulta: a conjugalidade e a paternidade.

Mas, se tudo correr bem, os meninos vão esclarecer e consciencializar a identificação paterna: o seu aspecto e papel na cena primitiva e na identificação. O pénis do pai de mero veículo introdutor passa a órgão criativo, fonte de vida, força e prazer. As ambições maternas são integradas com os aspectos fálicos masculinos, transformando-se numa aspiração à paternidade.

Mais tarde, com a maturidade biológica, o rapaz regride na identidade ensaiando os passos da heterossexualidade. Recrudescem as identificações maternas, obrigando-o a refazer o caminho da masculinidade. A luta contra o sentimentalismo, tão comum nos homens, pode ser vista como uma resistência à *regressão* e como fuga da realidade interna – o devaneio, sentir-se como um bebé, a identificação com a mãe, a puerilidade da latência. Este recontro é bem visível nas apresentações “avidamente obsessivas”, “geladamente narcísicas”, “desastrosamente depressivas”, “brutalmente fálicas” ou “psicopaticamente superficiais” (Shaffer, 1986), que não podem ser apreciadas independentemente da constelação familiar em que se desenvolveram.

Como salienta Ross (1986), tipicamente as primeiras experiências sexuais masculinas não reflectem um ser sensual, mas sim o sexo, e a agressividade do desejo (conquista fálica e controlo sádico-anal), abrigando do acesso à excitação libidinal e permanência nela, e assim, resguardando de uma perda do ‘self’ na presença da mulher. Só no fim da adolescência, depois de atingir um sentido de integridade, o homem será capaz de tolerar uma sexualidade plena. Senhor de si, poderá deixar-se cair, apaixonar-se, considerar uma vida amante e geradora, redescobindo a feminilidade e a paternidade na sua sexualidade.

A *ansiedade de castração* é um medo masculino omnipresente, seja qual for a sua centralidade. Outros medos revistos por Cooper (1986) são: a perda da mãe, a perda do seu amor, a perda do pénis, a perda do amor do superego (Freud, 1926). Podemos considerar ainda o medo da perda do que se ama (Starke, 1973), o medo paranóide da destrutividade hostil da mãe e o medo da sua perda (Klein, 1957), o medo de morrer de fome, de ser envenenado, sufocado, partido, esmagado e castrado (Berger, 1952), os medos da descoberta da existência de outros (‘otherness’), da descoberta da diferença sexual e da mortalidade (McDougal, 1984),

acrescidos da descoberta da diferença de gerações – tamanho e poder – (Chasseguet-Sinírgel, 1984), o medo de dissolução do senso do ‘self’ – aniquilação – (Kohut, 1984).

Embora não haja acordo em relação ao medo básico ou sequência de medos, o significado particular do medo de castração no comportamento masculino é consensual. Freud (1937) concluiu que o medo básico é o medo da passividade perante outro homem, isto é, uma manifestação da ansiedade de castração. Ora, por ser tão próxima da consciência, Shaffer (1986) julga que a ansiedade de castração deverá ser o menos assustador dos medos infantis, sendo ela a forma final de expressão ou ocultação de perdas e medos anteriores. Por outro lado, a ansiedade de castração pode não estar, pura e simplesmente, a substituir os medos anteriores, mas antes a disfarçá-los ou constituir uma fuga a eles: abandonar uma parte narcisicamente prezada é preferível que abandonar o ‘self’ narcísico

Como vimos, a revisão das teorias sexuais da psicanálise, em parte devido ao movimento feminista, mostrou muitos erros na avaliação da sexualidade feminina. Porém, criou-se o equívoco que a visão clássica da sexualidade masculina era perfeita. Alguns autores, que temos vindo a referir, vieram mostrar a incompletude daquelas teorias. Uma das questões que mereceu a sua atenção foi o enfoque sobre a resolução do complexo de Édipo positivo, da competição com o pai. Ao renunciar ao desejo de união sexual com a mãe, escolhendo o investimento narcísico no pénis, o rapaz fortalece o seu narcisismo, resolvendo o seu problema fundamental – a luta pelo poder e pela força por comparação aos outros homens (Person, 1986). Ora, para Person, não está em causa esta formulação (centrada na luta pai-filho, ameaça de castração, resolução por identificação paterna), mas o facto de ela minimizar os *factores pré-fálicos*. Também se deve dar a devida importância à relação mãe-filho, em que ela tomava o papel de prémio e não de protagonista da história sexual do homem.

Aquela autora chama a atenção para estes factores pré-fálicos na ansiedade de castração, na vulnerabilidade narcísica do ‘self’ sexual e o impacto da experiência adolescente, visíveis na comum fantasia masculina da mulher omnidisponível. As fantasias (não necessariamente sádicas) com raparigas submissas parecem ser banais em rapazes desde antes da puberdade, e continuam a aparecer

mais tarde. Com o passar dos anos, a dominância física vai sendo substituída pela disponibilidade total da mulher. Esta disponibilidade total, e o interesse masculino por parceiras múltiplas, fazem parte de um ideal de ego masculino largamente partilhado, revelando a negação da realidade sexual feminina e retratando exageradamente os desempenhos masculinos. No fundo espelha os medos sexuais dos homens: tamanho, perícia, potência, rejeição. Ao contrário do que à primeira vista pode parecer, não se trata de uma fantasia agressiva mas sim a revelação do desejo de controlo masculino. Por outro lado, esta fantasia revela também o desejo por uma mãe pré-ediapiana disponível atenta e alimentadora.

Person aponta ainda a presença da inveja materna e o desejo de identificação feminina presentes noutra fantasia masculina vulgar entre homens heterossexuais: o sexo lésbico. Ela pode esconder uma ansiedade relativa à potência sexual uma vez que parte do trabalho erótico é retirada ao homem. Por outro lado, nesta fantasia geralmente só o homem e capaz de satisfazer, o que lhe dá um sentimento de poder e controlo. O tema do incesto pode também estar aqui presente pela identificação do homem com uma das figuras femininas.

Naquelas duas fantasias está presente a questão da insuficiência. Ora, a primeira contrariedade ao narcisismo sexual do rapaz é a constatação da incapacidade para garantir o amor sexual da mãe. Não é só a ameaça da castração, mas a percepção de não possuir a dotação necessária para competir com o pai que faz com que o rapaz desinvista da mãe. Se este sentido de insuficiência não é ultrapassado, então a inveja do pénis permanecerá durante toda a adultícia.

Na perspectiva clássica, como resultado da diferença de géneros, a ansiedade de castração e a *inveja do pénis* irão moldar a sexualidade, o carácter e o sentido do ‘self’ dos homens e das mulheres. O rapaz não é poupado à inveja: a inveja do tamanho do pénis do pai a inveja das mulheres, da sua capacidade de nutrição como mães, a inveja do útero. De toda a maneira, esta inveja masculina das mulheres teria um papel relativamente menor no desenvolvimento masculino, se comparada com a inveja feminina dos homens. Este complexo de inveja genital consiste em elementos conscientes de inveja pelas qualidades e prerrogativas do sexo oposto, o desejo de possuir esse sexo que pode integrar uma imagem de corpo inconsciente,

e a desaprovação dos órgãos genitais do próprio, servindo para que soluções de compromisso sejam encontradas para conflitos envolvendo a bissexualidade (masculina e feminina), sem que a identidade do género, o papel do género ou a escolha do objecto sexual seja rompida (Fogel, 1987).

O temor original às mulheres não é a ameaça de castração, mas sim o resultado da ameaça à sua auto-estima – o medo de ser rejeitado e humilhado. A indisponibilidade das parceiras sexuais na adolescência acorda a ferida narcísica original do rapaz. Presumindo que os outros são melhores, os seus sentimentos de inferioridade agudizam-se. A presença de erecções inoportunas dão ao adolescente uma impressão de que o pénis não está sob seu controlo, não lhe pertence, em simultâneo com o orgulho que, naturalmente, sente pelo poder do falo. Esta ambivalência e o sentido de não controlar, podem ajudar a compreender o medo da impotência e da ejaculação precoce.

A sexualidade activa, as fantasias eróticas, servem ao homem para se tranquilizar em relação às dúvidas sexuais que tem sobre si próprio, sendo o controlo do pénis conseguido pelo controlo do objecto sexual, atribuindo a si e ao seu órgão, características que atribui ao pai.

Entretanto, o estudo dos *aspectos desenvolvimentais pré-edipianos* exigiu uma reavaliação de papéis dos progenitores, onde classicamente só cabia a mãe. Todos os objectos que apareciam na vida do bebé eram vistos como secundários a ela. Assim, a ênfase nos estudos era colocada na relação mãe-filho, contribuindo para a confirmação dessa relação como organização primária (Neubauer, 1987). O interesse crescente pelos pais e o seu papel advém de muitos factores, incluindo o aumento do número de divórcios, o aumento do número de pais com a custódia dos filhos, a divisão dos cuidados devido à actividade profissional das mulheres. Além disso, hoje, são os homens que reivindicam para si uma paternidade feita de presença, atenção, amor e cuidados quotidianos (Lamb, 1987, 1992).

Enquanto alguns autores salientam as diferenças entre cuidados de um e outro progenitor, outros sublinham as semelhanças das reacções da criança à mãe e ao pai. Certo é que, ao conquistar o seu novo papel, o pai ganhou acesso ao seu mundo pré-edipiano, permitindo-lhe o reconhecimento de defesas e repressões antes só reactivadas na fase edipiana dos filhos.

Este novo papel do pai remete para a reformulação do processo de separação-individuação, num contexto de triangularidade e relacionamentos precoces múltiplos, bem como levanta questões em relação à necessidade de um objecto transaccional, quando existem muitos objectos disponíveis. É também importante perceber a sequência da situação edipiana, quando o pai é um prestador de cuidados primários, isto para os rapazes e para as raparigas. Neubauer (1987), sugere que, neste cenário, o desenvolvimento não se dá de um mundo objectal diádico para um triádico, mas sim que a escolha objectal é ampla e múltipla, ocorrendo laços objectais primários que conduzem ao passado edipiano dos pais. Assim ganhou destaque, na pesquisa do masculino, o *pai pré-edipiano* e a sua relação com o masculino: ser homem passa por reencontrar esse aspecto.

CONCLUSÃO

Em síntese, o que surgiu então, de mais relevante, na nova perspectiva psicanalítica do género?

Na compreensão da *mulher*, podemos considerar uma linha de desenvolvimento feminina, desde o início da vida da rapariga, abandonando a perspectiva biológica e ideologicamente masculina de Freud. Teremos de considerar uma série de aspectos não conflituais do desenvolvimento feminino, bem como eventuais conflitos ligados à especificidade do corpo feminino. A psicologia do ego e a teoria das relações objectais trouxeram novas e importantes perspectivas sobre a feminilidade. A isto não foi alheia a tendência crescente para atender aos factores da realidade, em vez de centrar compreensão exclusivamente nos aspectos intrapsíquicos.

A teoria feminina do desenvolvimento, diz-nos que a feminilidade existe desde o princípio, bem como existem vivências corporais intrinsecamente femininas que contribuem para a experiência e auto-representação da menina. Ela tem orgulho no seu género e pode ter identificações positivas com a mãe, tendo também uma ligação precoce ao pai que contribui para a sua feminilidade.

Na compreensão do *homem*, por um lado as novas investigações mostraram a influência das mulheres, a relação dele com elas na infância e na adultícia, bem como revelaram a importância da feminilidade nele próprio – ser homem implica

um encontro com o feminino. Por outro lado, os estudos revelam a necessidade de um relacionamento novo com a sexualidade infantil mais arcaica – a pré-ediapiana – e o narcisismo masculino, de um retorno a esse universo. Ser homem implica um encontro com o masculino. Ganhou então destaque a relação do homem com os outros homens e com as necessidades e desejos relativos ao pai pré-ediapiano.

Depois de ter aprendido coisas importantes a seu respeito, de alargar os seus horizontes sobre o feminino e o seu próprio lado feminino, ele tem de aventurar-se só, com esse “primitivo selvagem” para poder realizar o seu poder e potencial criativo como homem. Quer isto dizer que apesar de todas as revisões da psicologia masculina e feminina, não se pode dispensar inteiramente o falocentrismo, ainda que ele possa ser redefinido e encontradas formas mais sadias para sua expressão (Fogel, 1987). A confusão entre primitivo, primário e profundo com o feminino, pode ter atrasado a descoberta de percursos arcaicos da masculinidade e a importância dos pais para a saúde dos filhos. É preciso redescobrir este masculino primitivo, terrível e assombroso, contrapartida da mãe primitiva.

Senão, pode cair-se na ironia de derivar a psicologia masculina da feminina, como no passado se fez o inverso.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. V. (1995). *Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.
- Badinter, E. (1992). *X Y A Identidade Masculina*. Lisboa: ASA, 1996.
- Blum, H. (1977). Masoquismo, Ideal do Ego e Psicologia Feminina. In H. Blum (Ed.), *Psicologia Feminina – uma visão psicanalítica contemporânea* (pp. 114-137). Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- Clower, V. (1977). Enfoque Actual da Masturbação em Meninas na Latência, e suas Implicações Teóricas. In H. Blum (Ed.), *Psicologia Feminina – uma visão psicanalítica contemporânea* (pp. 94-101). Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- Cooper, A. (1987). O que os Homens Temem: a fachada da ansiedade de castração. In G. Fogel, F. Lane, & R. Liebert (Eds.), *Psicologia Masculina – novas perspectivas psicanalíticas* (pp. 105-119). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Dujovne, B. E. (1991). Contemporary Revisions of Classical Psychoanalytic Theory of Early Female Development. *Psychotherapy*, 28 (2), 317-326.
- Fogel, G. (1987). Ser Homem. In G. Fogel, E. Lane, & R. Liebert (Eds.), *Psicologia Masculina – novas perspectivas psicanalíticas* (pp. 11-28). Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- Freud, S. (1905). Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade. In *Obras Completas – Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1933). A Feminilidade. In *Obras Completas – Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago.
- Grossman, W., & Stewert, W. (1977). Inveja do Pênis: desejo infantil ou metáfora do desenvolvimento? In H. Blum (Ed.), *Psicologia Feminina – uma visão psicanalítica contemporânea* (pp. 138-151). Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- Kestenber, J. (1977). Regressão e Reintegração na Gravidez. In H. Blum (Ed.), *Psicologia Feminina – uma visão psicanalítica contemporânea* (pp. 152-177). Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- Kleeman, J. (1977). Concepções de Freud sobre a Sexualidade Feminina Precoce à Luz da Observação Directa de Crianças. In H. Blum (Ed.), *Psicologia Feminina – uma visão psicanalítica contemporânea* (pp. 9-26). Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- Lamb, M. (1987). *The Fathers Role. Cross-cultural Perspectives*. London: University of Utah.
- Lamb, M. (1992). O Papel do Pai em Mudança. *Análise Psicológica*, 10 (1), 19-28.
- Lane, F. (1987). O Complexo da Inveja Genital: o caso do homem com uma vulva fantasiada. In G. Fogel, F. Lane, & R. Liebert (Eds.), *Psicologia Masculina – novas perspectivas psicanalíticas* (pp. 120-137). Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1967). *Vocabulário de Psicanálise* (6.ª ed.). Lisboa: Moraes Editores, 1985.
- Leal, I. (1997). Transformações Socio-Culturais da Gravidez e da Maternidade: Correspondente Transformação Psicológica. In *Actas do 2.º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde* (pp. 201-214). Lisboa: ISPA.
- Lerner, H. (1977). A Má Rotulação dos Genitais Femininos Como Determinante da Inveja do Pênis. In H. Blum (Ed.), *Psicologia Feminina – uma visão psicanalítica contemporânea* (pp. 196-200). Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- Marques, M. E. (1999). *Masculino e Feminino: oposições ou complementaridades*. Comunicação apresentada ao 9.º Colóquio de Psicologia Clínica sobre “Gênero e Psicologia”, Março de 1999, ISPA, Lisboa.
- Milheiro, J. (1988). Identidade Sexual. *Jornal de Psicologia*, 7 (1), 3-9.
- Moore, B. (1977). O Orgasmo da Mulher e a sua Representação Psíquica. In H. Blum (Ed.), *Psicologia Feminina – uma visão psicanalítica contemporânea* (pp. 215-232). Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- Neubauer, P. (1987). Efeitos Recíprocos da “Paternagem” sobre o Genitor e a Criança. In G. Fogel, F. Lane, & R. Liebert (Eds.), *Psicologia Masculina – novas perspectivas psicanalíticas* (pp. 191-203). Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

- Parens, H., Pollock, L., Stern, J., & Kramer, S. (1977). Sobre a Entrada da Menina no Complexo de Édipo. In H. Blum (Ed.), *Psicologia Feminina – uma visão psicanalítica contemporânea* (pp. 62-81). Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- Person, E. (1987). A Mulher Oninidispónivel e o Sexo Lésbico: dois temas de fantasia e o relacionamento deles com a experiência evolutiva masculina. In G. Fogel, F. Lane, & R. Liebert (Eds.), *Psicologia Masculina – novas perspectivas psicanalíticas* (pp. 70-89). Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- Ross, J. M. (1986). Mais Além da Ilusão Fálica – notas sobre a heterossexualidade masculina. In G. Fogel, F. Lane, & R. Liebert (Eds.), *Psicologia Masculina – novas perspectivas psicanalíticas* (pp. 51-65). Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- Shaffer, R. (1986). Homens que Lutam Contra o Sentimentalismo. In G. Fogel, F. Lane, & R. Liebert (Eds.), *Psicologia Masculina – novas perspectivas psicanalíticas* (pp. 90-104). Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- Stoller, R. (1964). A Contribution to the Study of Gender Identity. *International Journal of Psycho-Analysis*, 45, 220-226.
- Stoller, R. (1977). A Feminilidade Primária. In R. Blum (Ed.), *Psicologia Feminina – uma visão psicanalítica contemporânea* (pp. 47-61). Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- Stoller, R. (1978). *Difícille Conquete de la Masculinité*. Paris: Tchou.
- Stoller, R. (1979). A Contribution to the Study of Gender Identity: Follow-Up. *International Journal of Psycho-Analysis*, 60, 433-441.
- Stoller, R. (1985). Gender Identity Disorders in Children and Adults. In H. Kaplan (Ed.), *Comprehensive Textbook of Psychiatry* (Vol. 4, pp. 1034-1041). Baltimore: William & Wilkins.
- Stoller, R. (1993). *Masculinidade e Feminilidade – apresentações do género*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Stoller, R. (1991). XSM. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 43, 223-247.
- Ticho, G. (1977). A Jovem Adulta e a Autonomia Feminina. In H. Blum (Ed.), *Psicologia Feminina – uma visão psicanalítica contemporânea* (pp. 47-61). Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

RESUMO

Classicamente, na teoria Psicanalítica, masculino e

feminino só são percebidos após as posições activo/passivo e fálico/castrado, que seriam a base da construção da identidade sexual.

Hoje em dia sabemos que estes aspectos são apenas uma parte da sua definição. O conhecimento das diferenças sexuais é precoce e as vicissitudes da vida pulsional, ocorridas na relação, fixam a identidade ao longo do processo de desenvolvimento.

As perspectivas mais actuais da psicologia feminina enfatizam a identidade sexual e de género, imagem corporal e auto-representação, resposta sexual e maternidade empática. Algumas limitações na visão freudiana, relacionam-se quer com aspectos culturais quer com a falta de dados de observações infantis, bem como a ausência do ponto de vista teórico das relações objectais e do 'self'. Aqueles dados e o desenvolvimento da teoria, acrescentaram muito ao conhecimento psicanalítico, também no que diz respeito à sexualidade masculina, ampliando a perspectiva clássica.

É sobre esta evolução teórica que o autor se propõe reflectir.

Palavras-chave: Identidade sexual, psicanálise, masculino, feminino.

ABSTRACT

In Classical Psychoanalytical Theory, feminine and masculine are only perceived after the active/passive and falic/castrated positions, which are the base of sexual identity. Nowadays we know that these aspects are only one part of its definition. The knowledge of the sexual differences is precocious and the vicissitudes of the pulsional life, occurring in relation enform the identity during the development process. The contemporary perspectives of feminine psychology emphasize the sexual identity and of gender, body image and self-representation, sexual response and emphaticall maternity. Some limitations in the Freudian vision are related with cultural aspects and the lack of data from children observations, as well as the absence object relations and 'self' perspectives. Those data and the development of the theory had also complexified the knowledge, about masculine sexuality, expanding the classic perspective.

Key words: Sexual identity, psychoanalyse, masculine, feminine.